

As “Águias de Haia” e o Falso Livro de William Stead.

Alexandre Augusto de Castro Correa

Catedrático de Direito Romano na Faculdade
de Direito da Universidade de São Paulo.

Procurando visivelmente depreciar a glória nacional e internacional de RUI, começa, neste capítulo, M. Júnior aludindo ao ingênuo amor próprio de nosso povo seguindo tradição herdada da monarquia.

GILBERTO AMADO, citado por Magalhães Jr., escreveu artigo intitulado *Nacionalismo* e fazendo parte do livro *Aparências e Realidades*. Critica aí Gilberto Amado o exagêro ridículo de nosso ufanismo explicando: RUY BARBOSA é, nas rodas verdadeiramente brasileiras, considerado a maior cabeça do mundo, obscurecendo com seu brilho os mais notáveis representantes das nações em Haia e causando pasmo em Anatole France a quem saudou na Academia Brasileira de Letras num impecável francês. (*Obras de G. Amado*, v. 1.º).

Semelhante exagêro, observa Magalhães, raia positivamente pelo ridículo.

NOTA. Observará sem dúvida o leitor o caráter fragmentário desta segunda conferência do Autor, intitulada *As Águias de Haia e o falso livro de William T. Stead*. Tal fato se deve à circunstância de ter sido o Autor convidado a falar quase de improviso, devido ao impedimento do conferencista originariamente escolhido.

Publicam-se assim quase como Notas as páginas da segunda conferência do Autor, na esperança de conterem observações capazes de interessar aos leitores.

A opinião de GILBERTO AMADO é corroborada pela de GILBERTO FREIRE em recente livro *Ordem e Progresso*, (p. 282).

Maior repercussão européia teria tido a tese do cientista JOÃO BATISTA DE LACERDA, diretor do Museu Nacional, e apresentada ao *Congresso Universal das Raças*, reunido em Londres em 1911.

A versão popular, a respeito da atuação de RUY em Haia, é ilustrada pelas palavras imaginosas escritas por certo cearense nascido em 1880, (p. 282-283).

Tôda a nossa imprensa da época contribuiu para tais exagêros. E também os escritores de hoje, como João Mangabeira, continuam o mito: em *Ruy, o Estadista da República* refere MANGABEIRA anedota contada pelo internacionalista francês LAPRADELLE (p. 283). A anedota refletiria, antes de tudo, o cabotinismo de RUI.

Tal versão não encontra, entretanto, apoio algum nas atas da conferência.

O egocentrismo de RUY se revelaria através do caso de seu discurso não proferido em razão de indisposição, quando era grande a comitiva brasileira e a peça poderia ter sido lida por um de seus membros, (p. 284).

Depoimento de RODRIGO OTAVIO, um dos secretários da delegação, em *Minhas Memórias dos Outros* (p. 284-5)— Exklusivismo absorvente de RUI.

Explicação de Magalhães — RUY pretendia ser o assombro da Conferência pelo menos para o Brasil (p. 286) inclusive com o auxílio de Rio Branco, estimulando e orientando a imprensa nacional no sentido da glorificação de nosso chanceler. Observação de ALVARO LINS, (p. 286).

O patriotismo de Rio Branco é censurado absurdamente por Magalhães (p. 286) que conclui: a celebridade de RUY foi bem montada e fortemente alicerçada por extraordinária publicidade, (p. 286).

Para alargar sua própria glória procurou RUY também em Haia o jornalista inglês WILLIAM STEAD representante, diz Magalhães, de várias fôlhas londrinas (p. 287) e autor de pequeno jornal, o *Courrier de la Conférence de la Paix*, destinado aos delegados, suas famílias e eventuais leitores estrangeiros.

Quem era STEAD? Jornalista de segunda ordem, “às da picaretagem internacional” (p. 287): foi pago pelo Itamarati para fazer a propaganda exigida por RUY e rëgiamente paga pelo Barão do Rio Branco, (p. 287).

Passava entretanto STEAD por humanitário, desinteressado e insuspeito.

E disse: “as duas maiores fôrças pessoais da Conferência foram o Barão Marshall da Alemanha e o Dr. Barbosa do Brasil”, (p. 287).

Diz Magalhães — “Nenhum agente de publicidade paga é insuspeito”.

Além disso STEAD nunca escreveu livro nenhum com o título de *O Brasil em Haia*, (p. 288).

RUY aparece aos olhos de Magalhães Jr. como grande impostor querendo fazer crêr ao público brasileiro, que notável jornalista inglês, dentre figuras ilustres presentes à conferência de Haia, escolhera RUI para tema central e único dum livro, *O Brasil em Haia*, demonstrando assim a superioridade real do nosso grande patricio.

Ora, diz Magalhães Jr., na verdade êsse livro nunca foi escrito por WILLIAM STEAD e sim inventado no Brasil, onde a matéria paga do escriba inglês foi ordenada sob forma de livro, cujo conteúdo fôra (pensa M. Júnior) provavelmente ditado àquele pelo próprio RUY ou por seu sobrinho Fernando Bandeira Dobbert.

Pormenores — RUY foi nomeado presidente honorário duma das comissões (a 1.^a); tal fato é apresentado por STEAD como triunfo pessoal de RUY, cuja fama já se fizera sentir na Europa, (p. 288-9).

Ora diz Magalhães: tais presidentes eram onze ao todo. Apenas RUI ficou um grau acima de Drago, contemplado só com uma vice-presidência de honra.

Passa STEAD a fazer o panegírico de RUY a quem não conhecia, anotando os dados ministrados pelo próprio elogiado ou por alguém da delegação brasileira. A verdade segundo Magalhães (p. 289) é a seguinte:

O Barão do Rio Branco tentara obter pelo menos vice-presidência efetiva para o Brasil em vez de simples honraria. Chegou a procurar neste sentido os bons officios dos E. Unidos para a criação de mais uma vice-presidência dada ao Brasil na pessoa de RUY. Mas a reivindicação não foi acolhida, surgindo, como “ficha de consolação”, a presidência honorária.

Vice-presidências — Estados Unidos, Asia, Europa, Japão (p. 290).

Diz magalhães: WILLIAM STEAD narra o caso de maneira diferente e falsa tratando-se de matéria paga.

A *Review of Reviews* consta de 32 páginas ilustradas. Vemos RUY sozinho, em página inteira; depois RUY com a delegação brasileira; RUY saindo do palácio de Ridderzaal, a esposa e uma das filhas de RUY; RUY dando um de seus oito opíparos banquetes, tantos quanto a França no total de 66, convertendo a conferência, diz magalhães, em Congresso de gastronomia... (290).

Preço do serviço: 9.600 florins, gorda soma. RUY criticou Campos Salles por ter subornado jornais com dinheiro público para falarem bem do seu governo. Sabia, porém, ser paga a pena de STEAD, cujas opiniões foram escritas para agradar a quem pagou.

Mas, nessa época achava-se RUY empenhado em segunda candidatura à presidência da República, (p. 291).

Segundo LUIZ VIANA FILHO o serviço de publicidade de STEAD custou algumas libras, (p. 291).

Reviveu então RUY os êxitos de Haia para fins de propaganda através de moço entusiasta, ARTUR BOMILCAR (p. 292). Depoimento dêste à p. 292. (*Conclusão de Magalhães*) — Eis como publicação paga em revista de transcrições e cavações foi erigida em livro! (p. 292).

Na fôlha de rosto do volume lia-se: *O Brasil em Haia* por W. STEAD e *Dez Discursos de Ruy Barbosa*.

O volume apresentava três fotografias de RUY, uma delas com dedicatória ao picareta inglês. . (p. 293).

Colaboração de BOMILCAR, (p. 293).

Interêsse pessoal dêste no trabalho pró-RUY, (p. 293).

Os sonhos do jovem arauto se desfizeram quando a candidatura de RUY foi impugnada, fato êste levando-o por despeito à aventura da campanha “civilista”, (p. 293).

Pergunta Magalhães: onde teria BOMILCAR se convencido de ser STEAD grande jornalista?

Através de RUY, responde, o qual fizera grandes elõgios ao inglês, cuja opinião paga era o principal suporte da “Águia de Haia”.

Retrato de STEAD (p. 293-4). Louvores desmedidos de RUY.

Em 1910, continua Magalhães, fêz RUY conferência em Juiz de Fora, durante a campanha “civilista” e na qual se mostrou indignado por terem atribuído a Rio Branco grande parte dos êxitos da conferência de Haia.

Proclama então o próprio merecimento sem qualquer resquício de modéstia invocando o testemunho de WILLIAM STEAD, depois de haver diminuído Rio Branco; faz o panegirico do jornalista inglês, (p. 294).

Trechos de apreciação dêste omitidos no discurso de RUY, (p. 295).

Não perdia ensejo de “soprar a trombeta da auto-glorificação” sempre porém através de palavras atribuídas a outrém, (p. 295).

Irritou-se muito com a atitude de Hermes da Fonseca atribuindo o êxito “dos delegados do Brasil” à ação diplomática de Rio Branco.

Resposta de RUY, (p. 295-6).

O segundo elogio recebido pela “Águia de Haia” é de JAMES SCOTT BROWN, assessor jurídico da delegação norte-americana, em livro intitulado *The Hague Peace Conferences, 1899-1907*. Não é pena mercenária, paga pela própria mão de RUI, como STEAD.

Elogia, é certo, o representante do Brasil mas não exclui outras personalidades, nem aponta RUY em Haia como verdadeira águia entre papagaios.

O americano colocou no mesmo plano pelo menos quatro outras personalidades: o Barão von Biberstein, chefe da delegação alemã, o delegado francês Luiz Renault e os delegados argentinos Luiz Maria Drago e Carlos Rodrigues Larretta.

Sobre cada um dêles p. 296 e ss. Drago pp. 297-8.

Sobre RUI pp. 298, *Dominating Personality*.

Restrições a RUI, pp. 299.

Conclusão de Magalhães — Em Haia houve várias águias e não uma só.

BROWN era realmente pessoa insuspeita. E, para BROWN a “águia das águias” foi o delegado francês chamado pelo americano “the man of men”, qualificativo nenhuma vez dado a RUY.

Elogio à capacidade de nosso representante falar de improviso, (p. 302).

BROWN SCOTT denuncia êrro praticado por nosso embaixador (p. 303).

O francês, em consequência de sua atuação na conferência de Haia, recebeu o Prêmio Nobel da Paz de 1907.

A “crítica insuspeita” no tempo de RUY: Afrânio de Melo usou de tais palavras em requerimento à Câmara para esta se fazer representar no desembarque de RUY, chegando de Haia. Declarações do requerente citadas a p. 304.

O grande alarde partiu do cavador (sic) inglês, apresentado por RUY como “o mais importante e o mais autorizado” dos homens de imprensa, além de historiador contemporâneo.

A respeito do episódio do financiamento da propaganda de RUY pelo Itamarati, o Barão do Rio Branco, apesar de atacado pelo beneficiário guardou a mais absoluta discreção. Durante a campanha civilista, com efeito, RUY passou a atacar o Barão, acusando-o de ministro relapso, indiferente ao cumprimento de seus deveres depois de o haver chamado antes “Deus Terminus de nossas fronteiras” (ver a nota de pp. 305).

Mesmo atacado o Barão jamais revelou os segredos de sua diplomacia.

Deixando esquecido o recibo de W. STEAD contribuiu o Barão para dar corpo ao mito de RUY.

Fato curioso: até espíritos independentes e conhecidos por sua irreverência como CARLOS DE LAET acabaram vencidos pela propaganda a favor da “Águia de Haia”. — Ver palavras daquele à pág. 305.

Refutação.

1. Puerilidade do argumento sôbre o “ufanismo” brasileiro. Êle resulta da psicologia popular, atestada pelo “Deutschland über alles”, pelos “God save the “Queen”, etc.

Os brasileiros não são tão ridículos quanto Magalhães quer fazer crer, pelo menos os cultos. Méritos de RUY: sua educação de família; talento excepcional, prodigioso saber, conhecimento único no Brasil, dos clássicos portugueses.

A opinião citada de GILBERTO FREIRE é unilateral. Biologia e direito internacional nada têm em comum.

Anedotas não constituem meio de prova. Quanto ao egocentrismo deve-se considerar a importância da reunião internacional à qual o Brasil comparecia pela primeira vez, a responsabilidade de RUY, a importância da presença do chefe da delegação.

Os debates evidenciaram o saber jurídico de RUY.

O Depoimento de R. OTAVIO não é uma acusação mas o reconhecimento da inteligência e capacidade de trabalho de RUY.

Os assessôres são subordinados ao chefe.

Pretensão de RUY. Interpretação malévola. Queria por certo brilhar mas por patriotismo.

O patriotismo de Rio Branco é injustamente criticado por Magalhães Jr.

O caso STEAD.

Quem era o jornalista?

Pela biografia vê-se ter sido apreciado por qualidades morais. Serão estas acaso conciliáveis com tão mesquinho interesse?

O argumento usado contra STEAD pode voltar-se também contra o próprio Magalhães: Se só enxerga motivos subalternos nos outros, qual o motivo levando-o a escrever sinão o de ganhar dinheiro através do sensacionalismo?

STEAD, querendo, podia ter alugado sua pena a nações mais poderosas e ricas do que o Brasil.

Os herdeiros de STEAD poderiam agir criminalmente contra Magalhães por difamação, assim como os de EÇA agiram contra editor brasileiro, publicando trechos do escritor português explorados com intuito pornográfico.

Existe o problema da publicidade em matéria de diplomacia e relações internacionais. Incompreensão proposital de Magalhães Jr.

A questão do livro *O Brasil em Haia* é de somenos importância.

Sobre a presidência honorária, ocorrem-nos as seguintes observações:

Atuação de Rio Branco — Crítica anti-patriótica de Magalhães: todo ministro do exterior deve fazer o possível para colocar seu país em situação vantajosa.

Preço da publicidade — algumas libras; muito diferente da questão dos gastos de Campos Salles.

Linguagem vulgar de Magalhães: o “picareta” inglês...

Pretensa ingratidão de Ruy para com o Barão — RUY defende-se de acusações injustas de adversários políticos interessados em diminuí-lo.

E os elogios do americano?

RUY nunca pretendeu (seria ridículo) ser a única figura notável da conferência, nem tampouco a mais notável...

A injustiça de RUY para com Rio Branco é perdoável, levando-se em conta as circunstâncias nas quais se achavam ambos durante a campanha política.

O elogio recente de GEORGES SCELLE a RUY, consta de conferência proferida em Haia pelo eminente jurista francês.

WILLIAM THOMAS STEAD (1849-1912). Jornalista inglês nascido em 1849 filho de ministro protestante. Em 1880 tornou-se em Londres co-editor da *Pall Mall Gazette* sob a direção de John Morley a quem substituiu de 1883 a 1889.

Até 1885 distinguira-se STEAD no trato de assuntos públicos e pelo brilhante modernismo de sua apresentação das notícias.

Introduziu a “entrevista”, publicou suplementos à *Pall Mall Gazette*, trabalhos todos cuja originalidade exerceu poderosa influência sobre o jornalismo e a política da época. Em 1885 participou de campanha contra o vício, publicando série de artigos no *Tributo das Mulheres à Moderna Babilônia*.

Embora sua atuação favorecesse, fora de dúvida, a aprovação da Lei de reforma criminal, tornou-se impossível para STEAD continuar no jornalismo; foi prêso por três meses em Holloway acusado por fatos ligados à sua campanha.

Deixando a *Pall Mall Gazette*, STEAD fundou a *Review of Reviews* (1890) de publicação mensal.

Iniciou publicações populares *Penny Poets* e *Prose Classics* dirigiu órgão espírita chamado *Borderland* (1893-

1897) dando vazão a seu interêsse pelas investigações meta-psíquicas.

Tornou-se adepto entusiasta do movimento pró-paz e de muitos outros, populares ou não. Escrevia de maneira fluente e cheia de fervor sôbre tôda a espécie de assuntos, desde *A Verdade sôbre a Rússia* (1888) até *Se Cristo Viesse a Chicago* (1893), de *Mrs. Booth* (1900) à *Americanização do Mundo* (1902).

Na vida privada seu delicado senso dos méritos e generosos interêsses influíram na carreira de muitos aspirantes ao jornalismo e à literatura.

STEAD morreu a 15 de abril de 1912 no naufrágio do Titanic.

Vida de W. T. Stead (1913) por sua filha; F. Whyte, *Life of W. T. Stead* (1925) *.

O juízo, pois, de Magalhães Jr. sôbre o jornalista inglês parece falso e temerário.

Interpretação capciosa dos termos da carta dêste a RUY, acusado de ter pago o próprio elogio com dinheiro do Itamarati.

Opinião acertada de SALOMÃO JORGE, à pp. 268 de seu livro.

Crítica do mesmo autor aos erros grosseiros de Magalhães, p. 269.

OSWALDO ORICO in *Ruy, o Mito e o Mico* informa: Magalhães empregou vinte anos para compor seu libelo contra RUY.

Depoimento sôbre o desinterêsse de STEAD, p. 269 do livro de Salomão Jorge.

*. Estas notas bio-bibliográficas são tiradas da Enciclopédia Britânica.